

LEMBRANÇAS QUE DOEM: UMA LEITURA DO ROMANCE *LAS TINIEBLAS DE TU MEMORIA NEGRA*, DO ESCRITOR GUINÉU-EQUATORIANO DONATO NDONGO-BIDYOGO

Gracineia dos Santos Araújo

O escritor Donato Ndongo-Bidyogo, nascido em 1950 na cidade de Niefang, Guiné Equatorial, é uma das vozes mais representativas do povo africano que, ao longo de muitos, anos não pôde protagonizar a sua própria história, tendo que calar ou omitir as suas realidades. Como jornalista, político e narrador, colaborador de diversos meios de rádios e televisão, o autor procura aproximar o leitor às realidades africanas, muitas vezes mal interpretadas ou distorcidas. Tratam-se, no entanto, de realidades que muito pouco ou nada concernem à imagem da África, representadas historicamente desde a ótica europeia.



Foto disponível em: madreafrica.blogspot.com

Em seu discurso literário, o escritor guinéu-equatoriano destaca as consequências da colonização espanhola em terras africanas, tendo como referência a história oficial e as realidades do seu país. Embora o escritor encontre no mundo real os elementos fundamentais para a sua produção literária, é importante destacar que os romances são objetos resultados da ficção. Isso significa que, além de traçar uma "realidade estética", o objetivo do autor vai muito além de elaborar uma fotografia análoga do mundo real, a partir das vicissitudes dos seus personagens. Nesse sentido, e conforme

destaca Eco (1996, p.94), "los mundos de la ficción son, sí, parásitos del real, pero ponen entre paréntesis la mayor parte de las cosas sobre éste". Com efeito, nenhum texto literário pode ser considerado um enunciado informativo ou um documento histórico, mas como um veículo transmissor de uma "nova realidade".

Partindo do pressuposto de que as realidades africanas sempre foram representadas desde a visão do colonizador, que mais que oferecer uma informação verdadeira não reflete estas realidades de maneira objetiva, distorcendo-as ou manipulando-as; transmitindo de maneira simplória ou com fins espúrios os acontecimentos que concernem à África e suas realidades, destaca Ndongo-Bidyogo na XII Jornada sobre a África na Universidade de Valladolid, Espanha (2013), que:

Hasta no hace mucho, cualquier europeo que cruzara el estrecho de Gibraltar, durante apenas dos semanas, se convertían en especialista y podía politificar sobre un continente tan vasto y complejo. De ahí se derivan múltiples errores de apreciación e interpretación que, ciertamente, no han beneficiado a nadie, pues ni se les trasmitía a ustedes una información verdadera, ni se reflejaba nuestras realidades con la mínima objetividad. Así se fueron asentando los prejuicios...¹

As realidades apresentadas até a atualidade têm sido cheias de sombras e obscuridade, impregando o imaginário coletivo além das fronteiras africanas com as suas transbordantes interpretações errôneas. Com base nesta perspectiva, na obra *Las tinieblas de tu memoria negra* o autor rememora o passado colonial do continente africano, através das lembranças de um narrador-protagonista anônimo que padeceu as agruras da imposição de novos valores e novas formas de organização social e religiosa, levadas a cabo pela empresa colonizadora espanhola, a partir de final do século XIX.

Las tinieblas de tu memoria negra é um romance cuja polifonia textual permite classificá-lo como uma literatura de testemunho, uma vez que incorpora elementos fictícios, manipulados com uma grande liberdade imaginária e com grande de recursos estilísticos, que se confundem com fatos reais, relatos autenticamente verossímeis. Nestes relatos, a voz do narrador-protagonista, representada por uma criança anônima, de mui tenra idade, se emaranha com a memória para oferecer a imagem de um passado de escravidão e aculturação, justificado sob argumentos teológicos e biológicos, cujos danos irreparáveis se estendem até os nossos dias.

O escritor espanhol Manuel Rivas, no seu livro *A cuerpo abierto* (2008, p.27), ao referir-se às consequências da guerra civil espanhola (1936-1939), destaca que "recordar dói". Podemos transladar esta afirmação às realidades africanas, como forma de entender melhor as dores rememoradas na obra do escritor guinéu-equatorial que, na obra *Las tinieblas de tu memoria negra*, evoca o passado colonial de guiné equatorial por meio de uma ficção se nutre das lembranças "doloridas" de vivências próprias e da imaginação do autor. Tudo isso expressado através da palavra escrita, por meio de uma linguagem

simples, evidenciada em uma sintática igualmente singela, elaborada em uma narrativa que equilibra muito bem o estético com o histórico-social, porém sem perder jamais o seu valor literário.

Neste sentido, *Las tinieblas de tu memoria negra* consiste em uma das melhores formas de manutenção da memória do passado colonial espanhol em terras africanas, não apenas como forma de redimensionar a história e reparar os danos causados pela empresa colonizadora, mas de fazer refletir sobre um tempo que não pode ser esquecido e, principalmente, levar à reflexão sobre o que o ser humano é capaz de fazer com o próximo, ou seja, sobre a estupidez humana, capaz de escravizar e subjugar os seus semelhantes.

O filósofo Bergson, em seu livro *Materia y memoria* (1900), destaca que a memória é o principal aporte da consciência individual para a percepção, o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas. Halbwachs (2004) retoma o pensamento bergsoniano, ressaltando que a nossa memória não se baseia na história aprendida, mas na história vivida. A partir daí, adverte que é preciso entender a história não como uma sucessão cronológica dos fatos e datas.

Deste modo, podemos ser testemunhas de Donato Ndongo-Bidyogo como autoridade máxima para romancear as realidades da África, oferecidas desde as trevas da sua própria memória negra, uma vez que, como muitos outros africanos, tem a formação acadêmica e a experiência empírica, necessárias para tratar de temas que se referem às suas realidades. Estas que, durante muitos séculos, foram apropriadas de maneira quase exclusiva por intelectuais europeus, os quais por muito autorizados que se sintam, graças ao contato com a África e com os africanos, dificilmente poderiam expressar com o mesmo sentimento de um africano. Com efeito, ao não ser africanos, carecem do que poderíamos chamar essência africana, o que faz com que os seus livros e relatos, de acordo com a perspectiva Halbwachs (2004), nos ofereçam uma representação muito esquemática e incompleta da realidade.

Segundo Bosi (1998, p.47), "pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência". Nesta perspectiva, observamos que na obra de Ndongo-Bidyogo a memória assume um papel muito decisivo, uma vez que permite uma conexão do passado com o presente, e vice-versa, podendo interferir, também, nos processos atuais de representação. Assim, em referência à memória, Bosi (1998) destaca a memória como um processo psíquico eminentemente complexo, que vai além do que pode ser visto a olho nu, e transcende os sentidos do indivíduo, surgindo como uma força subjetiva, penetrante, profunda e atenta, mas também como uma força oculta invasora.

Sem dúvida, ao ser a memória uma força invasora, poderemos sublinhar esta peculiaridade como algo transcendental, capaz de penetrar nos nossos sonhos e ativar as lembranças oriundas da experiência individual ou coletiva, como indivíduos sociais e sociáveis. No entanto, de acordo com Halbwachs (2004, p.27), "para confirmar y recordar un recuerdo, no hacen falta testigos en el sentido común del término, es decir, individuos presentes en una forma material y sensible". Sendo assim, é possível entender a memória como um processo de construção contínua, baseado nas circunstâncias pessoais e coletivas dos seres humanos.

No que se refere à memória do passado colonial, refletido no romance *Las tinieblas de tu memoria negra*, nos apoiamos em uma das definições do termo memória, no dicionário de Maria Moliner, que a destaca como rememoração do passado, como forma de entender melhor a obra em questão. No entanto, “bien es cierto que sólo nos acordamos de lo que hemos visto, hecho, sentido o pensado en un momento dado, es decir, que nuestra memoria no se confunde con la de los demás. Está limitada de forma bastante rigurosa en el espacio y en el tiempo”, destaca (HALBWACHS, 2004, 54). Neste sentido, torna-se evidente que a memória, coletiva ou individual, está intrinsecamente ligada, direta ou indiretamente, a fatores como as relações que cada indivíduo mantém com o seu entorno familiar, as relações sociais, o trabalho, etc, em dimensões muito amplias e ao mesmo tempo estreitas.

Assman (1992) define a memória coletiva desde perspectivas muito diferentes: a memória comunicativa, arquitetada através das lembranças compartilhadas por indivíduos em uma época determinada e a memória cultural, organizada por uma série de textos, rituais, cerimônias, etc; construída a partir das lembranças de um passado distante, relacionada com os acontecimentos da história, que fazem com que cada cultura ou cada época sejam singulares. Não obstante, é importante recordar que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

“A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1998,55). Em meio a estas circunstâncias que parecem paradoxais, poderemos entender melhor o texto de Donato Ndongo-Bidyogo que, como evidencia o próprio título, se constitui com base nas lembranças e memórias que, como em um quebra-cabeças, reúne as peças necessárias para a composição perfeita do objeto. De outro modo, seria uma realidade, talvez, fragmentada.

Primeiro livro da trilogia do autor guinéu-equatoriano, *Las tinieblas de tu memoria negra*, cujo enredo se desenvolve na época colonial, quando Guiné Equatorial foi dominada pela Espanha e teve o seu povo submetido à imposição de uma cosmovisão europeia e cristã, o romance reflete o imaginário cultural africano e consegue reconstruir e recuperar experiências acumuladas ou perdidas ao longo dos séculos. Tudo isso, com base nos fatos e acontecimentos do passado colonial, desde o ponto de vista da ficção literária, apoiada na historiografia que permite reconstruir a história do e as realidades africanas a partir não só da história oficial, mas tendo em conta a memória individual e coletiva, relacionando e fundindo os acontecimentos reais e a imaginação.

El padre pasaba a reprocharle la inmoralidad de su conducta por tener tantas mujeres, y el tío decía haber oído que el Dios de los blancos había mandado crecer y multiplicarse a los hombres para que no desaparecieran de la faz de la tierra porque los había hecho a su imagen y semejanza. El padre Ortiz afirmaba con la cabeza, evidentemente satisfecho. Y el tío le preguntaba si él cumplía con ese mandato de su Dios y el padre se exasperaba, encolerizado, e intentaba explicar cómo se sirve mejor a Dios y a los demás desde una vida de castidad, de renuncia a la carne, de sacrificio, cómo Dios ama

más a los hombres puros y no a los licenciosos que sólo por el placer de la carne se pasan la vida fornicando día y noche. Dime, ¿estarías ahora diciéndome todo esto si tus padres hubieran pensado como tú?, y yo le trasladaba la pregunta al padre, que se quedaba callado con la cara enrojecida de ira. Y el tío decía entonces que no podía creer en él, porque con sus oídos había escuchado de la boca del padre que su Dios había creado el mundo y dotado al hombre de superior capacidad para que usara de ella y el padre era el primero en no cumplir ese mandato de su propio dios. Dile que no puedo comprender cómo su Dios manda multiplicarse a los hombres para luego preferir a los que pasan por esta vida sin sembrar una sola semilla. ¿O es que los blancos tienen una magia especial para procrear sin tocar mujer? (NDONGO-BIDYOGO, 1987, pp.94-95).

No romance, o colonizado perturba a retórica do colonizador, fazendo-o refletir sobre a sua fé e as suas afirmações, apesar de estar sob seus ensinamentos e invadido pelo desejo de converter-se, também, em sacerdote, como o padre Ortiz. Não obstante, embora o protagonista seja tradutor do referido reverendo, possui uma aparente inferioridade, já que a sua condição de subalterno lhe nega o direito de manter-se firme nas suas tradições, infectando-se com cultura do *outro* e ofuscado pela suposta superioridade da cultura hegemônica:

Me identificaba con sus tempranos sufrimientos, en cierto modo comparables a los míos pero infinitamente más sublimes, y deseaba ardientemente tener su fe, su entereza y su constancia porque encima de todo deseaba ser como ellos; pero no podía, ya no podría jamás, en mi alma de negrito africano, animal de los bosques, se había enquistado a muy temprana edad los vicios atávicos de mi raza, como me dijo en confesión el padre Amadeo, un padre que había venido a sustituir por seis meses al padre Ortiz y que me negó la absolución de mis pecados (NDONGO-BIDYOGO, 1987, p,113).

Ainda na sua condição de subalterno, e depois de haver perdido a voz e vez dentro de sua própria sociedade, o protagonista é consciente do seu forte vínculo a uma cultura ancestral e da impossibilidade de renegar a sua condição de africano, cujas tradições e experiências consistem a essência da sua alma de negrito africano. Nesse sentido, em *Las tinieblas de tu memoria negra* existe uma superposição da história pessoal e da memória coletiva que impossibilita a total adaptação às imposições da cultura hegemônica. Por conseguinte, diante das consequências da transculturação, o escritor guinéu-equatoriano adota um discurso de denúncia social em defesa do *eu* africano, evidenciado no uso reiterativo dos verbos no pretérito perfeito ou no uso da condicional (*identificaba, podría*, respectivamente), testemunhando a tentativa quase sem êxito da incorporação de *outras* realidades que não condizem com a essência africana.

O texto de Ndongo-Bidyogo está cheio de ironia, uma vez que o protagonista dá ênfase à negação da absolvição dos pecados, considerado digno de sarcasmo e gargalhada. A sua *pobre* alma de negrito africano é a referência mais sublime da estupidez da colonização, fato que, ao longo de vários séculos, tratou de *coisificar* e *mercantilizar* os africanos, reduzindo-os, simplesmente, em negritos africanos. Assim, negando-lhes o direito de serem os protagonistas da sua própria história. Por essa razão, o autor encontra na ironia uma das formas mais contundentes para recordar o passado sombrio de Guiné Equatorial, e o faz por meio de uma literatura que quase nada tem a ver com a concepção de arte pela arte, com um texto que, mais do que beleza estética, possui a agudeza histórico-social, capaz de fazer despertar as consciências para as realidades africanas, sem a mínima pretensão de converter sua obra em um elemento meramente propagandístico e/ou doutrinário. A sua literatura se relaciona com a representação de um pensamento crítico-coletivo, atribuindo à arte um papel social, sem anular o seu valor estético e sem cair na armadilha de fazer através da sua obra um mero retrato da realidade.

Considerando que *Las tinieblas de tu memoria negra* não pretende oferecer unicamente um retrato das realidades africanas, podemos perguntar qual é a intenção do romance para poder traçar a hipótese de que se trata de um instrumento de transformação das mentalidades sobre as realidades da África, sublinhando a importância da história oficial para a construção da narrativa. Por outro lado, destacamos o papel relevante da experiência, memória e imaginação do autor, cuja infância marcada pelo entrecruzamento das culturas africana e europeia, são elemento imprescindíveis para a conformação da sua produção literária.

Mais que pretender dar respostas, o autor se desloca pelas realidades africanas, erguidas em um mundo de superstições, enigmas e simbologias, para dar a conhecer muitas das peculiaridades e riquezas proporcionadas pela África. Além disso, denuncia a subserviência do colonizado, que acaba se apropriando do discurso hegemônico, até o ponto de perder a sua própria identidade, considerando os seus semelhantes africanos como seres diferentes pela sua cor de pele, embora também seja negro como os demais africanos:

Con el padre, me preguntaba si esos negros de llagas supurantes y hediondas a pesar de ir endomingados, si esos pobres seres carcomidos a picotazos de anofeles y a los que el paludismo y la disentería amebiana habían reducido a un estado hipnótico irreversible, dándoles una sempiterna mirada lánguida de locos sumisos, si esos hombres, mujeres y niños tan embrutecidos como la naturaleza indomable que les rodeaba eran dignos del inmenso bien que les estaba haciendo al brindarles la posibilidad de una nueva vida, la vida eterna, amén (NDONGO-BIDYOGO, 1987, p, 66).

Esta apropriação do discurso religioso do colonizador, o repugnar-se diante do seu povo enfermo reflete o resultado da catequização, permite ao leitor vislumbrar os efeitos negativos da colonização espanhola e o significado da aculturação de um povo, neste caso, o povo africano.

Desde a perspectiva de Ángel Rama, em seu livro *Transculturación en América Latina* (1988), podemos entender o fenômeno da transculturação como uma realidade concreta que afeta, em todo caso, a cultura dominada. No caso da novela analisada, observamos a tentativa de eliminar a todo custo toda uma cultura e tradições milenárias, de impor o novo como algo supremo e necessário, sob a justificativa de conceitos como superioridade *versus* inferioridade, sendo este aplicado ao colonizado e aquele desde o ego e etnocentrismo europeu: “Tenías la simple ventaja que en tu casa se hablaba con corrección el castellano, y por eso jamás te arrodillaron en el montoncito de gravilla que tenía preparado don Ramón para los niños que hablaran el fang en la escuela, o en su presencia o fuera de Ella (NDONGO-BIDYOGO, 1987, p, 30)”.

O autor parece advertir ao leitor sobre o que significa a transculturação, uma vez que esta implica inevitáveis processos de aculturação, perda total ou parcial da cultura dominada. Esta transculturação, impregnada de atos de violência, mais do que dar liberdade ao subalterno o escraviza e segrega. Assim, observamos que desde os primeiros contatos com o colonizador, a intolerância parece ser o ingrediente mais apreciado: “Los españoles os habían venido a salvar de la anarquía, porque vuestros antepasados eran infieles y bárbaros y caníbales e idólatras y conservaban cadáveres en sus casas, vestigios de salvajismo...” (NDONGO-BIDYOGO, 1987, p,31).

As lembranças do personagem evidenciam que os efeitos da colonização espanhola em Guiné Equatorial foram sumamente desastrosos uma vez que, a todo custo, instaurou-se um veemente desejo de eliminar tradições milenárias; uma constante tentativa de imposição do “novo” como algo supremo e necessário.

Com efeito, o colonizador espanhol: “había que demostrar que éramos seres inferiores, necesitados de la tutela de una raza superior, y se nos concedió un alma, que había que salvar a cambio de que entregáramos de grado o por la fuerza, nuestros cuerpos y nuestras materias-primas”, relembra o escritor durante a conferência titulada “De la unidad a la unión africana: historia de 50 años de integración”, durante as XII Jornadas sobre a África, na Universidade de Valladolid, 2013.

Um dos momentos mais significativos do resultado da aculturação é efetivado durante os preparativos da cerimônia eucarística de Primeira Comunhão do protagonista, quando o mesmo, invadido pelo espírito de negrito africano, não consegue seguir à risca as leis impostas pela igreja católica. Os irresistíveis odores dos apetitosos pratos típicos o levam a desobedecer aos ensinamentos cristãos, impedindo-o de guardar o obrigado jejum na noite que precede o evento, já que:

Toda la casa olía a cabra asada, a pato, a arroz con tomate, a ñames y mandioca, y los sabrosos aromas invadían mi nariz para concentrarse en la boca de mi estómago sin entrar, la saliva afluía a mi boca, y la piel de la barriga se me pegaba a las vértebras dorsales, y me sostenía el vientre con las manos para evitar el desastre, pero la cabeza me daba vueltas (NDONGO-BIDYOGO, 1987, p, 81).

Este fragmento demonstra o conflito interior do colonizado, quando cai na tentação e peca desobedecendo às recomendações da doutrina cristã, não jejuando durante as vinte e quatro horas, como requisito imprescindível para comungar. Este método de doutrinar, através da imposição dos novos costumes e valores da religião católica, é destacado pelo escritor guinéu-equatoriano constantemente ao longo da narrativa, surpreendendo o leitor a cada instante e fazendo-o chegar às suas próprias conclusões.

No seu quefazer literário, Donato Ndongo-Bidyogo exprime da realidade, sem indiferença ou omissão, elementos e fatos do seu tempo para elaborar uma narrativa com uma veemente grandeza literária, sem distorções nem fantasias. Daí, sua obra chega a confundir ficção e realidade. Nesta perspectiva, as realidades africanas adquirem novos significados e aportam ao leitor a possibilidade de obter uma verdadeira imagem da história das sociedades africanas, eminentemente diferente das imagens que se costuma ver, emitidas desde a visão europeia; mal interpretadas e compostas por obscuridade e sombra, como destaca o autor.

Donato Ndongo-Bidyogo nos oferece uma verdadeira imagem das realidades africanas e o faz com um texto cheio de luzes, cores, odores, sabores e sons. Assim, o autor tem na memória como um instrumento de afirmação da identidade, um mecanismo capaz de integrar e complementar a angústia de um passado sombrio e de aculturação. Tudo isso, não como forma de apagar as marcas da história, mas com a certeza de dar a conhecer as verdadeiras realidades africanas, com o objetivo de mostrar que a África possui grandes e múltiplas riquezas, não só materiais, para oferecer a todo o mundo.

Resumo

O presente trabalho pretende fazer uma breve reflexão sobre a memória romaneada da história da colonização espanhola no continente africano, através do romance *Las tinieblas de tu memoria negra*, do escritor guinéu-equatoriano Donato Ndongo-Bidyogo, que representa uma das muitas vozes silenciadas ao longo dos séculos.

Palavras-chave: Donato Ndongo-Bidyogo, literatura e colonização espanhola.

Resumen

El presente trabajo pretende hacer una breve reflexión sobre la memoria novelada de la historia de la colonización española en el continente africano, a través de la novela *Las tinieblas de tu memoria negra*, del escritor ecuatoguineano Donato Ndongo-Bidyogo, que representa una de las muchas voces silenciadas a lo largo de los siglos.

Palabras-clave: Donato Ndongo-Bidyogo, literatura y colonización española.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMAN, Jan. *Religión y memoria cultural*. Buenos Aires: Ediciones Limod, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ECO, Umberto. *Seis paseos por los bosques narrativos*. Barcelona: Editorial Lumen, S. A, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *La memoria colectiva*. Trad. Inés Sancho-Arroyo. Zaragoza: Prensa Universitarias de Zaragoza, 2004.

MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. 3ªed. (2 vols.). Madrid: Gredos, 2007.

NDONGO, Donato. *Las tinieblas de tu memoria negra*. Madrid: Fundamentos, 1987.

RIVAS, Manuel. *A cuerpo abierto*. Madrid: Alfaguara, 2008.

RAMA, Ángel. *Transculturación en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

Conferencia "De la unidad a la unión africana: historia de 50 años de integración", Valladolid, 2013. Acesso em: 17 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sypBBb7IXrU>
